

RESENHA

Referência da obra resenhada:

SOUZA, Licia Soares de. **Pour une Géopoétique interaméricaine**, Paris, Société des Écrivains, 2019.

Maysa Maria Silva de Miranda¹

Licia Soares de Souza, professora do programa de doutorado Pós-Crítica, do Campus II da UNEB, propõe um modelo de geopoética urbana a partir de estudos de figuras espaciais de Montreal, em romances contemporâneos do Québec. A Geopoética pressupõe relações dinâmicas entre a Geografia e a Literatura. Nesse âmbito, ela permite a emergência de uma escrita do espaço, onde os personagens se movimentam revelando sentimentos e memórias, aptos a assegurar a história de territórios determinados. E um importante diálogo entre ciência e arte se estabelece, suscetível de autorizar o desenho de cartografias dos espaços percorridos, atravessados de experiências sensíveis.

Para aperfeiçoar seu modelo de geopoética, a profa. Licia de Souza recorre ao conceito de *semiosfera*, forjado pelo russo Yuri Lotman (1982), que é equivalente do conceito de biosfera. Na semiosfera, que configura uma semiótica da cultura, todos os signos se articulam para interconectar os ambientes, incluindo a zoosemiótica, a ecossemiótica entre outros. Ademais, ela recorre ao conceito de cronotopo de Bakhtin, que liga o tempo ao espaço, para observar o papel que desempenha determinados espaços em uma trama narrativa (a rua, a escola, a igreja, o metrô, o parque, o jardim, etc.). Com estes dois conceitos, o interessante é que a autora busca interligar as descrições verbais de ambientes cruciais para os personagens a imagens visuais, o que ela designa de “geograma”, em equivalência com os diagramas de Peirce, que autorizam a associação de termos sígnicos que mostram a interrelação de fatos e fenômenos.

O geograma é um tropo de difração na cartografia de Montreal que possui um plano hipodâmico de cidade. Por isso, a autora cria o termo de “texto-

¹ Graduada em letras vernáculas pela Universidade Federal da Bahia (Licenciatura e bacharelado). Mestrado em Letras e Linguística pela mesma universidade. Atualmente é professora de língua portuguesa e francesa no ensino médio e superior. Endereço eletrônico: maysa_miranda@hotmail.com.

xadrez” para mostrar como os personagens se movimentam em linhas retas ou diagonais nas ruas do plano urbano de Montreal. Mas, a geopoética montrealesa, traz novidades em termos de temáticas contemporâneas que mostram os problemas da imigração, dos abusos do capitalismo, da pobreza, da infância abandonada, da dureza do inverno, o que faz com que seus personagens se movam em geogramas não-linearizados, que não se adequam totalmente à perfeição do plano urbano hipodâmico. Neste caso, os *flâneurs* da literatura contemporânea penetram pelos subsolos da cidade, pondo a nu a precariedade de espaços da cidade que a superfície enverniza. A autora chama esses *flâneurs* de “peça cavalo”, que no xadrez, pula em L as outras peças, deslinearizando toda a previsibilidade das narrativas.

Para se encarar uma geopoética interamericana, a professora Licia começa trabalhando o romance de Catherine Mavrikakis, *Oskar de Profundis* (2016), no qual um Estado Mundial propagou um vírus para exterminar todos os excluídos de Montreal; tal epidemia já dizimou a pobreza nas maiores cidades do mundo. Em Montreal, o interessante é justamente a movimentação dos personagens pobres e ricos que deambulam e erram na cidade como *flâneurs* tipo a peça “cavalo”, deslinearizando os geogramas da cidade planejada de Montreal.

Em outros romances como *Ce qu'il reste de moi* (2015) de Monique Proulx, existem igualmente geogramas que indicam como os novos imigrantes, que vem povoar a cidade, tem condições de reinventar novos caminhos, sobre e sob o solo gelado do inverno glacial da cidade. Em outro momento, a autora trabalha os círculos concêntricos que a personagem Toinette do romance *Paradis. Clef en main* (2009) de Nelly Arcan, empreende mostrando a insularidade de uma cidade francófona que tem que se deslinearizar, em seus espaços e territórios, como muitas outras cidades do mundo, para se submeter às ideologias neoliberais do capitalismo financeiro.

Em suma, a autora conclui, perguntando se vale a pena se buscar uma estética urbana, uma poética de apego às cidades, que se mostram poluídas, sujas, perigosas, desnaturalizadas ou mesmo desumanizadas. A resposta fica em aberto, valendo como observação para qualquer cidade que esteja vivendo os fenômenos das mobilidades culturais, com seus espaços semiesféricos sujeitos a forças centrípetas e centrífugas.

RESENHA

SOUZA, Licia Soares de. *Pour une Géopoétique interaméricaine*, Paris, Société des Écrivains, 2019.



Recebido em 23 de junho de 2019.

Aceito em 04 de julho de 2019.